

FONTE : OESP

CLASS. : \_\_\_\_\_

DATA : 4.10.81

PG. : \_\_\_\_\_

DOMINGO - 4 DE OUTUBRO DE 1981

O ESP

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
CCD 00060

# A febre do garimpo em Cuiabá acabou deixando só ilusões

**ROSELI CORDEIRO**  
Correspondente em CUIABÁ

Eles eram quase três mil homens acompanhados de mulheres e crianças, vindo dos mais diversos pontos do País, sendo grande parte do próprio Estado. Foram aos poucos abandonando as grandes construções, oficinas, biscates e lavouras de suas localidades de origem, atraídos pela descoberta de uma pepita de 169 gramas na fazenda Jatobá, localizada no município de Santo Antônio do Leverger. Os meios de comunicação não deixaram por menos, batizaram o lugar de "Chapadão Vestido". Tudo indica que uma nova Serra Pelada estava surgindo a menos de 20 quilômetros de Cuiabá. Uma "Serra Pelada" em que as mulheres podiam participar e que permitia ao garimpeiro até mesmo morar na cidade. Um "garimpeiro urbano", como é conhecido no Mato Grosso.

A descoberta foi em março e, na época, o Departamento Nacional de Produção Mineral, que estivera antes na área, manifestou preocupação com o "monstro" que a população estava alimentando. Pois o DNPM já havia constatado o ouro de aluvião e que o garimpo teria uma vida média de cinco a seis meses. Segundo o órgão, as próprias condições físicas do local — falta de lagos e rios — não favoreciam a exploração. E, como o ouro está concentrado nas formações rochosas, seria necessário o uso de equipamentos pesados e caros. Assim o problema social que se temia acabou acontecendo. Os primeiros que chegaram ao local ficaram ricos ou pelo menos estabilizados financeiramente. Os que chegaram depois investiram tudo o que tinham na área e agora estão sem nada e devendo para os proprietários de basculantes e carregadeiras.

Os de maior poder financeiro pagavam Cr\$ 1.500,00 por carregamento de cascalho e 500 cruzeiros por hora para utilizar as pás carregadeiras. Numa tentativa de não prejudicar os menos favorecidos, o DNPM proibiu o uso de tratores e pás carregadeiras. Com o período da seca, a lavagem do cascalho passou a ser feita no rio Arica, distante sete quilômetros do garimpo.

José Silveira, instalado a cinco meses em Jatobá, acorda a cada dia mais desencantado. "Os dedos vão se enchendo de calo, o sol bate forte na cara da gente, a sede vai secando a garganta e nada de ouro". No início, José conseguia uma média de 10 gramas por dia, agora não está podendo nem trabalhar.

Depois de ser proibido o uso de tratores e pás carregadeiras, veio a proibição da utilização do rio Arica. Apesar das dificuldades, José Silveira, que veio dos garimpos de diamantes, sonha com o dia em que não vai parar de chover.

Para a maior parte dos garimpeiros, "os homens do banco é que estão nadando no ouro". Segundo dizem, o fiscal do Banco do Brasil é o maior explorador da área. Enquanto alguns

lamentam e ficam parados pela falta de água, o grupo de garimpeiros que trabalha para o fiscal recebe água do caminhão-pipa, que é transportada de Cuiabá. Mas revelar o nome do funcionário do Banco do Brasil é considerado um crime e, por isso, todos evitam tocar no assunto.

### RIO AMEAÇADO

O rio Arica, afluente do rio Cuiabá, está ameaçado pelo garimpo "Chapadão Vestido". Diariamente, são descarregados 100 caminhões de cascalhos no rio, em uma área onde se localiza uma fazenda. O proprietário da fazenda ultimamente não tem sido encontrado, mas segundo os garimpeiros nunca se importou com o rio, mesmo porque tem uma participação de 5% na produção. Alertada para o problema, a Capitania dos Portos em Cuiabá proibiu a lavagem do cascalho no rio.

A proibição durou aproximadamente uma semana, porque a falta de fiscalização permitiu aos garimpeiros que prosseguissem o trabalho. E o proprietário da fazenda, segundo alguns, faz de conta que não sabe, pois teme perder o lucro. Com todas essas alterações, o panorama na localidade começa a transformar-se. Os mais espertos já abandonaram a área levando consigo um capital suficiente para um bom investimento. E os que resolveram esperar a chuva para recomeçar o trabalho, tão cedo não poderão deixar o local, uma vez que estão endividados com os proprietários de tratores e pás carregadeiras. Segundo o DNPM, os poços artesianos, que desde o início são uma reivindicação dos garimpeiros, como também infra-estrutura, não foram instalados porque já era prevista a curta duração de vida do "Chapadão Vestido".

Joaquim de Andrade acha que o "Chapadão Vestido" foi uma escola de vida: "Não tivemos sorte, mas aprendi uma coisa: não quero nunca mais ser empregado, agora vou procurar outro garimpo e trabalhar. Muitos querem voltar para a cidade, no entanto não conseguem arrumar emprego. A solução para alguns é trabalhar de empregado dos grupos mais fortes. Essa é uma maneira de ter dinheiro no bolso todos os dias". Enquanto alguns vão à procura de outros locais, ainda que esporadicamente surgem garimpeiros vindos de Serra Pelada, os quais, segundo o garimpeiro Emanuel Feitosa, estão fugindo da cheia.

Há poucos dias, o deputado Isafas Rezende apresentou na Assembléia Legislativa um pedido ao governo do Estado e Prefeitura de Cuiabá para a instalação de poços artesianos, querendo com isso evitar um problema social maior. No entanto, o DNPM e outros órgãos acham que o problema já está criado, desde que foram atraídos quase três mil homens para um chapadão que jamais poderia ser comparado ao de Serra Pelada. Com água ou sem água, a tendência é o fim gradual do garimpo.